



### **I live for the applause:**

A construção da identidade e rituais de consumo dos jovens do interior, a partir da presença midiática de Lady Gaga. <sup>1</sup>

Lucas Giovanni DE PAULA<sup>2</sup>

Pablo Fernandes Moreno VIANA<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica, Minas Gerais, MG

## **RESUMO**

Este artigo investiga a existência de dissonâncias entre o consumo midiático por parte dos jovens que habitam capitais e cidades do interior. O trabalho tem como objetivo investigar, por meio de entrevista em profundidade, se a música pop tem influência nos rituais de consumo desses sujeitos, comparando como o consumo cultural se reflete na construção de identidade dos jovens. O objeto de estudo caracteriza-se pelos fãs da cantora Lady Gaga. A escolha dos fãs da cantora deve-se ao fato de que a artista possui uma base de fãs extensa, sólida e bastante fiel, que consome sua música e os produtos midiáticos que ela disponibiliza, sendo muito expressivos em relação com sua forma de vestir e de se caracterizar. O artigo apresenta o resultado de entrevistas feitas com 8 (oito) fãs da cantora, divididos, metade no interior e a outra metade residindo em cidades metropolitanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música Pop; Identidade; Consumo Midiático; Lady Gaga

## **Introdução**

Este artigo faz parte de uma pesquisa de Probic, realizada no período de Fevereiro de 2014 a Março de 2015, que verificou se há dissonâncias no consumo midiático e mercadológico entre jovens do interior e metrópoles. Nesta etapa do trabalho, foram feitas e analisadas, entrevistas com doze jovens, seis residentes de metrópoles e seis, de cidades interioranas, fãs da mesma cantora.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 2 – Publicidade e Propaganda do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC-Minas, e-mail: [lucasgiovanni\\_lm@live.com](mailto:lucasgiovanni_lm@live.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC-Minas, e-mail: [pablomoreno@gmail.com](mailto:pablomoreno@gmail.com)



A cantora em questão, é a artista americana Lady Gaga e esta coleta de dados foi feita a fim de aferir o quanto os jovens percebem a influência da cantora em suas vidas e o quão forte é sua presença no cotidiano dos jovens. As cidades escolhidas foram Poços de Caldas, e cidades da região sul e sudeste de Minas Gerais. Dentro das regiões metropolitanas, as cidades escolhidas foram São Paulo e Campinas. É importante observar que entre as cidades interioranas e as metropolitanas, há uma distância de cerca de 160 a 190 quilômetros.

Para fundamentar a pesquisa, foram usados os conceitos de sociedade pós-moderna de Bauman(1997) , cibercultura de Lévy (1999), e tribos de Maffesoli (1998) a fim de que possa se responder como a formação das identidades e o comportamento de consumo dos jovens se relacionam com suas teorias.

### **Identidade e Sociedade Pós-Moderna**

Todas as sociedades, sejam elas grandes ou minúsculas, criam estranhos. Estes estranhos, são indivíduos que por motivo de ordem, “não podem” pertencer a aquele grupo, mas que por algum motivo, se introduzem ali, e causam então uma angústia generalizada. Esses seres estranhos impedem, por algum motivo que a satisfação de todos os outros seja total.

Quando se traçam linhas divisórias e se separa o assim dividido, tudo que borra as linhas e atravessa as divisões solapa esse trabalho e destroça-lhe os produtos. [...] Os estranhos exalaram incerteza onde a certeza e a clareza deviam ter imperado. Na ordem harmoniosa e racional prestes a ser constituída não havia espaço para os “nem uma coisa nem outra” , para os que se sentam escarranchados, para os cognitivamente ambivalentes. Constituir a ordem foi uma guerra de atrito empreendida contra os estranhos e o diferente. (BAUMAN, 1997 p. 4)

Até hoje essa guerra existe e é travada todos os dias. O que é diferente incomoda, por que o que sai do lugar se torna inconveniente. O ser humano tem medo de arriscar, tem medo de sair da sua zona de conforto e nunca mais retornar, de perder aquilo que o mantinha ligado. Quando algo diferente surge, o ser humano julga, torce o nariz, investiga, faz questão de que aquele indivíduo seja escrachado dali, que pare fazer parte do seu campo de visão, que não o faça mudar nem que sejam um pouco, os seus hábitos (físico, emocional ou “intelectualmente”).



No meio desse fenômeno, com a opressão de uma massa majoritária que quer higienizar “a sujeira”, faz com que estranhos, se camuflem no meio da maioria, se disfarçando de maioria. Acabam por enfraquecer mais ainda o que os indivíduos chamados de estranhos tem na sociedade, e fortalecer ainda mais o movimento que tenta execrar os estranhos e colocar: “ordem” no mundo, por serem cúmplices disfarçados e tentando fazer com que por estarem ali dentro pareçam homogêneos, pertencentes daquela ordem ou melhor “purificados”. Foi o estado moderno que legislou a ordem, para a existência e definiu a ordem como a clareza de aglutinar divisões, classificações, distribuições e fronteiras (BAUMAN, 1997, p. 8)

Essa estratégia da adição de sujeitos até então estranhos e depois “purificados” pela massa, é fácil, pois os estranhos são flexíveis, frágeis, e pode-se dizer até: dóceis. Fáceis de serem manipulados, pois tem seu ego e seus valores abalados por nunca antes terem se sentido parte de alguma ordem que não sofresse nenhuma represália, que não precisasse ser higienizada, e que pudesse fazer o que bem entender, sem nenhuma contra indicação.

Quando se fala desses sujeitos, porém, é impossível não ter que citar o fenômeno da aquisição identitária, fato que é estimulado por todos os meios culturais, e todas as mídias. O sujeito quer possuir, quer criar e quer solidificar e delinear uma identidade singular, que seja única e apenas sua, que o distinga da sociedade que o oprime. E para que esse sujeito tenha força, tenha sua voz ouvida, e seus pensamentos tenham expressão, esses sujeitos procuram outros iguais a ele, para que juntos, sejam formadores de opiniões, e fortes em suas identidades, esse fenômeno é chamado de tribalização, por Maffesoli.

## **Tribos**

Desde o início da humanidade o homem já se integra em “tribos”. E seja para sua segurança, por sobrevivência ou por afinidades, tem-se em mente que estas tribos são mais fortes do que um indivíduo sozinho. O fato é que elas foram se tornando cada vez mais, uma tendência a ser seguida, mesmo que instintivamente, pelo ser humano.

A sociedade foi evoluindo, e com ela, o ato de tribalização, foi ficando cada vez mais comum. Hoje, as pessoas se aglomeram em grupos, por interesses comerciais, companhia de outras pessoas, ou mais comumente, por afinidades. Dentro desse



contexto, Maffesoli (1988), chama essas tribos de “comunidades emocionais”, que se formam por sujeitos que compartilham dos mesmos gostos e/ou emoções. Sobre estas comunidades, o autor destaca que “As grandes características atribuídas a estas comunidades emocionais são: o aspecto efêmero, a composição cambiante, a inscrição local, a ausência de uma organização, e a estrutura cotidiana” (Maffesoli, 1998 p. 16.).

Entende-se então, que as tribos do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que têm função de desindividualizar o sujeito e coloca-lo em contato com outras pessoas, para que essas se tornem mais “fortes” juntas, tem um caráter mutante. Ou seja, pessoas vêm e vão dentro dessas comunidades, os pensamentos dentro dela podem mudar, e sua estrutura também, de acordo com os locais que frequentam, e a rotina dos seus integrantes.

Com o surgimento da internet, e a expansão da globalização, esse movimento de tribalização, torna-se mais articulado, pois sujeitos de lugares totalmente diferentes podem encontrar facilmente grupos de interesses, e organizar-se em tribos, mesmo estando a quilômetros de distância dos outros membros desses grupos, tornando-se grandes formadores de opinião.

## **Cultura Fã**

Ser fã é estar ligado de alguma maneira a algum símbolo, ou alguma narrativa presente na cultura popular. “[...] o campo dos estudos dos fãs tem explorado o âmbito dos territórios interpessoais e intrapessoais, assim como as consequências das ligações afetivas do público com a cultura popular” (SANDVOSS, 2007, p. 2).

A questão intrínseca que percorre a questão do fã é o porquê os sujeitos se comprometem a ser fãs de determinado objeto, e por que exatamente aquelas figuras. Questões essas, talvez estejam relacionadas com a forma que as figuras midiáticas tem de se expressar, que pode ser a postura da qual esse sujeito desejaria ter em sua vida, mas de alguma forma é impedido de ter.

Sandvoss (2007) explica essa questão quando fala sobre Madonna, dizendo que os textos e ícones populares como Madonna podem ser produtos e meios de acumulação de capital para a indústria midiática, contudo, são apropriados por fãs como fontes significativas nas suas vidas diárias.” (SANDVOSS, 2007, p. 11). Por mais que grandes artistas como Madonna ou a própria Lady Gaga sejam produtos dentro do mercado fonográfico, para fazerem suas gravadoras lucrarem, a maneira como as tais agem, se



comunicam, e se vestem, impactam diretamente sobre seus fãs. Ainda sobre Madonna, Sandvoss cita Fiske (1989) quando afirma que

a natureza polissêmica de Madonna como um texto popular oferece e problematiza as representações tradicionais de gênero e sexualidade. Quando Lucy, uma fã de catorze anos, descreve Madonna como “vulgar e sedutora (...) mas, pelo jeito, tudo bem se ela é assim”, busca estabelecer “uma identidade sexual satisfatória dentro de uma ideologia opressora” para si mesma, assim como para Madonna (SANDVOSS apud FISKE<sup>4</sup>, 2007, p.11).

Esses fãs, assim como dito anteriormente, muitas vezes, usam do poder de aglomeração das bases de fãs para se sentirem mais fortes e empoderados, dentro de um ambiente que hostiliza suas opiniões sozinhas. Essa característica está associada aos gostos culturais de formações subordinadas de pessoas, em particular daquelas desempoderadas por quaisquer combinações de gênero, idade, classe e raça (FISKE, 1992, p. 30).

Esses coletivos de sujeitos, agora empoderados, tornam-se consumidores em potencial, e formadores de opinião, pois ajudam a mover um mercado que não existiria sem a presença deles. Esse fato é provavelmente enaltecido para esses sujeitos, que passam de meros coadjuvantes na trama da cultura popular, para peças ativas e importantes para o funcionamento dessa indústria.

A vida cotidiana é constituída pelas práticas da cultura popular, e é caracterizada pela criatividade do fraco no uso de recursos fornecidos por um sistema desempoderador, enquanto se recusa a se submeter afinal a esse mesmo poder. (FISKE, 1989b, p. 47).

O consumo midiático por sua vez, é aquele tipo de consumo que é ditado por grandes empresas, ou por artistas ou por alguma ferramenta que esteja inserida dentro da mídia. Um método muito usado é vender produtos dentro da estética dos videoclipes de música pop. Os artistas associam seus nomes a grandes marcas, fazendo com que os jovens consumam aquele produto, apenas por fetichismo, pois seu ídolo está atrelado aquilo. É uma maneira de se sentir próximo do artista, de se sentir como ele.

### **Lady Gaga: Entrevistas com os Little Monsters**

Foram realizadas durante os meses de novembro, dezembro e janeiro, uma série de entrevistas, no método de entrevista em profundidade com fãs da cantora Lady Gaga, em cidades do interior e metrópoles. Foram elaboradas seis questões de cunho

---

<sup>4</sup> FISKE, 1989, p. 98-99



peçoal, que mostram como a artista afeta diretamente nas atitudes dos fãs, o que ela representa, quando começou a afeição com a mesma, como conheceu, e entre outras questões. Os fãs descritos na pesquisa, para manter sua identidade preservada, foram identificados por números.

A fã número 1 a conheceu por um canal internacional, a fã descreve: “o clipe de Just Dance sempre passava lá, mas eu nem dei muita bola, só escutava música mesmo, como essas que tocam na rádio hoje em dia. Eu me tornei uma Little Monster alucinada depois do clipe de Love Game”. A fã número um diz que se considera sim uma “Little Monster”, nome dado para classificar a classe de seguidores fiéis da cantora. Ela diz que ser um Little Monster é ser alguém que além de admirar a música dela, admira a pessoa que ela é, o talento, o carinho que ela tem com os fãs, como ela age, e suas as composições. Além de ouvir só a música, o Little Monster ajuda a promover o trabalho, sempre compra os cds, etc.

Quando perguntada sobre o a característica mais marcante da artista, a fã diz que é o seu talento. “O que é algo que as pessoas não reconhecem, justamente por ela cantar pop. Isso fica ofuscado. Por que quem já a ouviu ao vivo, sabe a capacidade vocal, e de composições que ela tem.” Ela também ressalta a preocupação que ela tem com os fãs, e o carinho, essa valorização que ela tem com quem a colocou onde ela está hoje. E o fato de ela ser quem ela é, mesmo que isso seja polêmico. Ela ainda afirma “Como no começo da carreira quando ela sai só de lingerie viajando nos aeroportos, ou mesmo na rua e as pessoas ficavam chocadas, e hoje já é algo normal, é isso que eu admiro. A autenticidade.”.

A fã afirma que começou a gostar dela muito nova, com 13 anos. Ela diz que no começo ela tinha uma cabeça mais fechada, e até mesmo “infantil” e não entendia dos movimentos dos quais ela levanta as bandeiras. Conforme ela foi crescendo e amadurecendo, foi se tornando mais aberta e começou a acompanhar seus discursos. Talvez se tivesse seguido outro ídolo e que se não tivesse esse tipo de discurso, provavelmente ela não teria o pensamento que tem hoje. Até mesmo o fato de ela não se importar com as críticas, depois dela a fã afirma que se tornou mais autoconfiante.

Sobre conhecer pessoas por causa da cantora Lady Gaga, ela afirma que com certeza, pois já tinha pessoas que eram suas amigas e se tornaram fãs da Gaga juntos, e isso fortaleceu a amizade. Ela diz que conheceu também muita gente na fila do show que foi realizado no Brasil e diz que ainda mantém contato com essas pessoas ampliando o seu círculo de amizades.



A fã número 1 diz que hoje em dia não expressa de maneira muito enfática sua ligação com a artista. Nas redes sociais hoje em dia, ela procura ser mais reservada, mas na época do Orkut, há alguns anos, era fácil reconhecer sua idolatria. Ela também diz que na época do show dela (da Lady Gaga) no Brasil: “eu fiz contagem regressiva nas redes sociais, mudei as fotos de capa, do perfil, postava vídeos a todo o tempo.”

O fã número dois afirma que conheceu Gaga quando viu o primeiro vídeo dela no canal MTV, “Just Dance”. Ele disse que em primeira estância diz que odiou. Diz que achou que ela era “só mais uma que faria sucesso com uma música só e depois desapareceria.” Depois de notar que o vídeo passava a toda hora, ele se tocou que não conseguia parar de cantar aquela música. “Piorou” quando fez o download da música no celular. Ele se lembra da sua irmã lhe perguntando: “Ué, você não odiava essa música?”. Depois de um tempo, ele passou a analisar a cantora. “Ver além da peruca loira.”

Nesse caso, pode-se observar um aspecto notável da pós-modernidade. Quando o fã diz que achou que só era “mais uma” cantora que teria um único sucesso e desapareceria, ele confirma o que já se percebe há algum tempo, com a vinda da internet, cada vez mais vemos novos nomes na música pop, que vez ou outra tem uma música de muito sucesso e depois desaparece da mídia, sendo soterrada por outros novos hits de novos cantores, e assim por diante.

Ele diz que começou a amar a voz forte dela, que lhe lembrava a da outra cantora: Christina Aguilera. Ele diz que sempre gostou mais das cantoras que “cantam de verdade”. A afeição com o clipe foi tão grande que ele diz que queria estar naquela festa do clipe de Just Dance. Foi aí quando ela lançou o vídeo de “Poker Face”. Ele afirma lembrar-se da primeira vez que viu o vídeo, ele estava na cozinha e ouviu o início da música: “Sai correndo pra ver. Foi nesse dia que eu virei little monster pra valer. Ali eu vi que estava apaixonado por ela, e tinha finalmente encontrado a diva que eu estava precisando. Minha rainha”.

Essa fala “a diva que eu estava precisando” é significativa para a pesquisa. A falta de uma identidade solidificada, com referências culturais e que faça com que o jovem tenha um opinião forte e homogênea faz com que essas grandes divas sejam formadoras de personalidade e grandes referenciais para esses sujeitos.

Sobre se considerar um Little Monster ele diz: “Me considero sim. Pra mim, um Little Monster é alguém tão louco quanto a Gaga. Quando eu digo “louco”, quero dizer livre. A maioria dos fãs admiram suas divas porque elas se parecem com eles, ou fazem



coisas que eles gostariam de fazer. É pra isso que essa admiração serve, nós vivemos através dela em alguns momentos. Existem coisas que talvez nunca possamos fazer, mas que ela fará por nós.” Ele também afirma que eles se sentem representados por ela pois Gaga tem influência, e se ela tem um discurso pelo qual eles apoiam, através dela todos são ouvidos também.

A característica mais marcante para o fã número 2 é sua voz. Já que ela se arrisca em vários gêneros musicais. Canta pop, jazz, e entre outros. O aspecto mais marcante para ele, no entanto, é a sua “liberdade”, algo que ele diz querer para ele também. Tudo aquilo que ele acredita, e que ele luta. A maior luta dela é pela igualdade, ela se importa não só com os gays. Também sofreu bullying, por isso ele se identifica nesse quesito também. “Gaga é uma vadia assim como eu, e é isso que eu mais amo nela.”.

“Com certeza” é a resposta que o fã número 2 dá quando questionado se Lady Gaga influenciou no seu modo de se expressar no mundo: “Gaga surgiu quando eu estava me descobrindo bissexual. Eu não tinha tanta certeza, ou pelo menos não tinha a voz necessária pra dizer o que eu era, até porque eu tinha uns 14 anos. Ela foi minha voz, literalmente. Em "Love Game" ela mostra pela primeira vez a orientação sexual dela. O fato de ela não ter medo de mostrar isso, me deu forças pra fazer o mesmo.” Ele afirma que não conhecia outras pessoas como ele, e mais uma vez se sentiu representado por ela. Diz que uma mulher tão fabulosa e sexy quanto ela, era igual a ele e que ela disse uma vez numa entrevista que com mulheres ela só sente atração física, e que só consegue se relacionar sério com homens, e era exatamente assim que ele se sentia. Tudo isso fez uma diferença enorme conforme ele crescia, começou a sua “saída do armário” contando para família e amigos que era bissexual, e tinha alguém junto com ele, lutando por ele.

Essa liberdade sexual é muito difundida na pós-modernidade. Por mais que ainda existam preconceitos e resistência de uma maioria conservadora, a pós-modernidade possibilita que cada um se defina o como quiser em sua vida sexual, e em outros aspectos também.

O fã assegura ter feito muitos amigos por causa da cantora: “Fazer amigos através da Gaga é como encontrar irmãos por ai. Gente que na maioria das vezes, passou pelas mesmas coisas que você, e encontrou conforto na Gaga. Ou que só gosta das loucuras dela, o que é tão bom quanto. O que eu mais gosto é que você pode conversar sobre ela e o seu amigo vai entender.” Uma coisa que os une é sempre esperar



por alguma aparição pública televisionada, e seu amigo também. E depois, a conversa sobre tudo o que aconteceu. Ainda que pareça futilidade, ou besteira de adolescente, ele diz gostar de verdade da Gaga. E ainda diz que quando você tem alguém que entende a felicidade que você sente por ela ter ganhado mais um Grammy, ou outro prêmio, por exemplo. “Gostar dela do jeito que eu gosto e não ter alguém pra partilhar disso seria muito triste.”.

Dentro dessa fala em específico podem-se analisar dois conceitos que se encontram no trabalho: o de tribalização e o de identidade. Os dois conceitos, neste caso se conectam quando o fã diz que “encontra conforto na Gaga”, esse conforto do qual ele fala, entende-se que está no sentido emocional da palavra, levando em consideração o conceito de identidade pós-moderna, fragmentada e frágil, o sujeito encontra conforto, em uma pessoa, famosa, que possui linhas identitárias bem marcadas e personalidade definida. O conceito ainda se liga com o conceito de tribos quando ele diz que também é bom quando tem outras pessoas que passam pela mesma vivência dele, e que podem compartilhar suas experiências uns com os outros, e fortalecer seus vínculos.

O fã número 2 afirma que compartilha em suas redes sociais, tudo sobre ela, o que veste e posta, sempre tem ligação com ela. Por saber desenhar, e sempre desenhar em suas camisetas, ele diz que a primeira camiseta que ele fez foi a Gaga, pelo fato dela o inspirar. 50% do que ele posta em suas redes sociais é sobre ela. Os outros 50% se dividem entre outra cantora, Beyonce, e coisas pessoais e diversas. Por mais que ele seja louco por ela, o fã diz que Gaga toma conta de sua vida de forma saudável.

O fã número 3 diz que a conheceu através da rádio, com a música Just Dance assim que começou a fazer sucesso, depois disso, começou a pesquisar sobre quem era a cantora daquela música, pois ela ainda era completamente anônima, e após isso sempre foi acompanhando os clipes novos, e novos lançamentos.

Ele também se considera sim um little monster. Diz que já foi mais fã do que é hoje. Mas ainda se considera um Little Monster. Para ele, ser little monster é acompanhar sobre a vida da Gaga, conhecer sua história (ou pelo menos parte dela), sempre acompanhar seus novos lançamentos, conhecer todas as músicas, admirar o “diferente”, defende-la de críticas injustas, e muitas outras coisas. Ele diz que não acha que para ser little monster (diferente do que muitos pensam) tem que se vestir de modo diferente, ou ser incompreendido, ou “estranho”, diz também que são apenas rótulos desnecessários, ser um Little Monster pra mim é simplesmente ser muito fã, como poderia ser com qualquer outra cantora.



O que mais ele acha marcante na artista é a sua “bizarrice”, suas roupas e “looks”, suas músicas, pois ela se arrisca com músicas bem diferentes umas das outras entre os álbuns, o seu modo de pensar e agir e o fato dela defender a causa Gay, talvez um pouco mais do que as outras cantoras.

O fã número 3 diz que a cantora não influencia em nenhum aspecto em sua vida, mas que fez sim alguns amigos por causa dela. Ele diz que sempre tem aquilo de sentir afinidade com pessoas com os mesmos gostos, e com música ele diz não ser diferente, acha que a única diferença na relação com eles é que às vezes o assunto “Lady Gaga” rende muito mais tempo de conversas.

O fã número 4 a conheceu em 2009 enquanto assistia a programação de clipes da MTV, no momento passava o vídeo da música “Love Game”, ele afirma ter gostado do som e daí em diante passou a ouvir todos seus singles, mas a sua “paixão” pelo trabalho dela ficou maior no início de 2010, onde alguns colegas e ele precisavam fazer a representação de alguma apresentação artística musical, logo foram buscar inspiração no seu recente lançamento “The Fame Monster” desde então apresenta uma “identificação incrível” com tudo que ela faz.

Ele também se considera um little monster: “me considero. Ser Little Monster é mais do que ser simplesmente um fã, é ter uma conexão maior com a Gaga artista e pessoa, uma conexão que vai além da mídia/música.” E sobre as características marcantes, ele diz que os aspectos marcantes da Gaga são seus conceitos, pois ela nunca faz nada em vão, tudo tem um porquê, um fundamento. Outro aspecto forte segundo o fã número 4 é o perfeccionismo da cantora, tudo é muito bem trabalho e a qualidade é inquestionável. Mas, segundo o fã, o destaque principal vai pra luta que ela trava por seus princípios e pelo que acha certo, sempre está envolvida em causas sociais e em busca dos direitos das minorias.

O fã afirma que Gaga influencia sim no seu jeito de pensar, e agir perante a sociedade. Ele diz que depois de conhecer as filosofias da Gaga, passou a aceitar melhor quem ele é e isso fez com que ele se posicionasse melhor diante da sociedade, familiares e amigos. Ela também fez com que o fã conhecesse um conteúdo cultural e histórico incrível, atiçando sua curiosidade por assuntos que antes não tinha tanto interesse, como a história da arte, política, direitos sociais, entre outros.

O fã também fez vários amigos por causa da relação com a artista, parte deles hoje são amigos de verdade, e estão sempre comentando sobre ela e também outros temas atuais. E ele diz sempre usar algumas frases dela que se tornam “bordões”,



fazendo gestos e coreografias em momentos mais descontraídos ou nas redes sociais, sem falar que quando há fotos e festas temáticas ela é sempre a primeira fonte inspiração do fã.

A relação com Gaga começou com a divulgação do cd *The Fame* e o fã diz “nem imaginava o que ela representaria pra mim ou que seria tão grande no mundo da música como é”.

“Sim, me considero Little Monster. Ser um little monster é mais do que ser fã, significa ser autêntico, amar quem você é, não deixar com que críticas negativas afetem o seu ser, e aprendi tudo isso com a “Mother Monster”.” Diz o fã quando perguntado sobre sua identificação como little monster.

Ele diz que tudo nela é muito marcante. A voz, as letras das músicas, a excentricidade e a autenticidade, o jeito que ela tem de não se importar com as críticas e ser sempre quem ela quer ser. Brigando com empresários, gravadoras, sem passar por cima dos seus princípios. E ele acha que se a artista mudou sua forma de se expressar. Por que ser fã de Gaga é ser autêntico, não ter vergonha de suas atitudes e nem sentimentos. Ele diz não ter pudor em se expressar ou ser quem quer ser.

A sua melhor amiga de colegial também é little monster então estão sempre antenados e por dentro de tudo que se passava na vida da Gaga. O fã número 5 também conheceu algumas pessoas na fila do show dela em São Paulo, e mantém contato com eles ainda: “Quando falo com eles sinto um carinho muito grande, quase que fraterno, por que sei o que se passa no coração de cada little monster.”

O fã número seis, a conheceu no ano de 2009 quando ouviu a música "Poker Face" mas ainda não havia visto a imagem de Lady Gaga, no início achou que fosse uma banda pelos vocais masculinos e o nome que faz referência a música da banda Queen "Radio Gaga". Quando pesquisou no YouTube e assistiu ao vídeo de "Bad Romance" foi como “amor a primeira vista”, ele diz que sempre foi apaixonado por excentricidade, arte e moda e esses foram os três elementos que construíam a imagem de Gaga naquele videoclipe.

Ele se considera sim um Little Monster. Ele diz que muitos confundem ser fã com ser Little Monster. Diz importante citar que fãs tem como missão amar e defender seu ídolo, um Little Monster faz parte de um movimento único e social, ou seja, amar Lady Gaga e lutar por um mundo sem preconceitos e sem julgamentos: “pode parecer uma utopia mas tudo é possível quando você acredita em você mesmo, dá apoio e acredita no sonho de alguém, isso faz com que os outros acreditem no seus sonhos



também e essas são apenas algumas das funções de um Little Monster. Se você julga, agride ou possui ódio você não é um Monster. "Monstros são seres julgados como o mal apenas por sua aparência", "uma raça dentro da raça humana" frases dita por Lady Gaga para definir "pequeno monstro".”.

Avaliando suas características mais marcantes, ele diz que Lady Gaga é destemida, excêntrica, criativa, animada, tem uma grande importância social já que ela fez crescer os números da música pop quando o movimento popular estava em declínio e diminuiu nos anos de 2011 e 2012 cerca de 20% dos suicídios nos EUA com seu álbum "Born This Way".

Lady Gaga o ajudou a se assumir pra família e amigos como homossexual, passou a pensar mais no próximo e a amar cada vez mais seus familiares, e suas amizades pós Lady Gaga duram muito mais. Inclusive, ele afirma que fez amigos e conheceu seu namorado através dela, e ele diz ter uma ótima relação com todos eles. E quando perguntado se algo em seu modo de pensar e agir deixa claro que ele é fã da artista ele diz ser apenas ele mesmo sempre.

O fã número 7 conheceu Lady Gaga a partir do seu primeiro album, The Fame, e diz ter sido impossível não escutar falar dela assim que o album estourou, foi um grande sucesso. Ele já escutava as musicas e adorava; O mesmo aconteceu com seu segundo album, o The Fame Monster, se apaixonou pelas músicas e passou a considerar a Gaga uma artista mais incrível ainda, seu amadurecimento ja era visível. Porém, o amor incondicional de fã, veio a partir do Album Born This Way: “esse album mudou a minha vida, as letras me ajudaram muito a superar dificuldades pessoas, anseios e me causou grande inspiração, minha vida talvez tem um marco de antes de BTW. A partir daí, o amor de fã foi só crescendo.”

Ele, assim como todos os outros fãs se considerasim, Little Monster. Para ele, ser Little Monster, é estar ali acompanhando novidades tanto da vida quanto da carreira da Lady Gaga, é ser capaz de capturar suas mensagens e essência, e ser apaixonado pela voz, músicas e pela própria Gaga, é também seguir seus conselhos e mensagens a fim de tornar a vida das pessoas melhor. “Me considero tanto Little Monster, que possuo duas tatuagens totalmente relacionadas a Gaga e tenho extremo orgulho disso.”

Para o fã número 7 os aspectos mais marcantes da Gaga são sua personalidade, a falta de medo de ousar, de dizer o que deve se dizer, de defender seus direitos e posições e também sua incrível capacidade de performar no palco, seja cantando ou dançando, outro ponto marcante é a voz de Gaga que é incrível, e sua habilidade de



coreografar também. E por último suas roupas, que foram sendo cada vez mais loucas e extravagantes, fato, que fez com que muita gente conhecesse a performer pelas suas roupas delirantes e corajosas.

“Graças a ela eu passei a aceitar melhor várias coisas, a respeitar e não julgar ninguém de forma alguma. E claro, passei a ver a minha própria vida de um modo diferente, aceitar quem eu sou e ser feliz assim. Pois eu nasci dessa maneira.” Diz o fã sobre a influência de Gaga na sua vida. E sobre ter feito amigos por causa da performer, ele diz que graças a Lady Gaga conheceu várias pessoas, tanto pessoalmente quanto virtualmente. A maioria deles ele mantém contato, e alguns até possui uma amizade mesmo, pois quem é fã consegue se conectar com o outro de uma forma “sem igual”.

O apoio de identidades fragilizadas e de certa forma prematuras, em identidades bem construídas já foi trabalhado, mas o conceito encontrado nessa fala é ainda muito importante. Quando o sujeito afirma que fãs em comum de um mesmo objeto, conseguem se conectar de uma forma “sem igual”, ele entra na seara do tribalismo, especificamente na nebulosa afetual, encontrado no livro “O Tempo das Tribos”, de Maffesoli, o próprio autor pode explicar a fala do fã número 7 quando afirma que “as pequenas nodosidades que se formam, agem e interagem umas com as outras. O espetáculo, nessas diversas modulações, assegura uma função de comunhão”. (Maffesoli, 1998, p.109)

O fã número 7 assevera que com certeza fica claro que ele é fã da cantora, pois possui duas tatuagens relacionadas a ela. Dentro das redes sociais, ele está sempre compartilhando coisas relacionadas a ela, seja de sua vida pessoal ou musical, e sempre tem que dizer algo dela, é inevitável! Às vezes, diz até exagerar nas publicações, principalmente quando saem coisas novas sobre ela, músicas e clipes, na era ARTPOP por exemplo, ele diz ter “surtado” nas redes sociais.”

O último fã entrevistado, o fã número 8 diz que sua relação sendo fã da Gaga começou há muito tempo, em 2010 quando ela estourou com “Bad romance” e “Telephone”: sempre via as pessoas comentar sobre ela e etc. Mas eu acho que eu virei Little Monster mesmo no VMA 2010 onde ela foi vestida com carne e de lá só cresceu, ainda mais com a era Born This Way, que foi maravilhosa em todos os aspectos.”

Assim como todos, ele se considera Little Monster sim. Mas não acha que pra ser Little Monster precisa de x, z e y. É só gostar dela e dar o suporte que todo cantor pop merece. Ele afirma que a personalidade dela é a característica mais marcante. “Com o passar do tempo você vai conhecendo ela aos poucos e vai vendo que ela é um



ser humano maravilhoso.” Ele diz que seu estilo é outra coisa que onde ela se destaca. E quando perguntado sobre o que mudou na sua vida depois de conhecer a cantora, ele diz que bullying é uma coisa que passou a odiar depois da era “Born This Way”.

Ele tem vários amigos por causa da Gaga, os mais próximos são bem íntimos: “raramente brigamos, estamos sempre comentando sobre a Gaga e etc.” E também afirma que atualmente não há nada que deixe claro que ele é fã da cantora, mas acha que sempre compartilha fotos da Gaga, apresentações, vídeos novos e tudo mais nas redes sociais.

### **Considerações Finais**

Estas entrevistas foram feitas com o propósito de verificar a força da presença midiática da cantora Lady Gaga no cotidiano dos jovens e se há dissonâncias na maneira como eles consomem esses produtos da indústria cultural. O nome dos jovens foi ocultado, para deixar os resultados neutros, e ainda mais, para afirmar o que foi posto em cheque: com as barreiras físicas ignoradas, e quebradas pela criação do ciberespaço, já não existem dissonâncias entre o consumo midiático no interior, e nas metrópoles.

É interessante observar que todos os jovens entrevistados, se consideram Little Monsters (como são chamados os fãs “de verdade” da cantora), mesmo que a maioria apresente visões diferentes do que é ser um Little Monsters para eles mesmos. É interessante também, observar que quando perguntados sobre os traços mais marcantes da artista, as respostas foram variadas. Esse aspecto mostra que cada um tem uma visão da mesma pessoa, e que cada característica de um determinado objeto, impacta de maneiras diferentes, diferentes pessoas, mostrando que cada um tem uma característica que lhe agrada mais, levando em consideração outros aspectos de suas personalidades, os quais não foram analisados nessa pesquisa.

A pesquisa encerra-se com dados importantes obtidos, e conclui o que lhe foi proposto. Quando averiguadas as diferenças entre o consumo midiático no interior e na metrópole e a influência de Lady Gaga na vida dos jovens, nota-se uma presença intrínseca da artista na vida dos jovens analisados, na maneira como eles falam, como enxergam o mundo, e por fim, como e o quê eles consomem. Quando analisadas as dissonâncias entre interior e metrópole no que diz respeito a consumo midiático, e de produtos da indústria cultural, nota-se que, como dito anteriormente, as barreiras foram quebradas, e a internet mostra-se a grande catalisadora deste fenômeno, promovendo interação e o consumo, onde quer que o indivíduo esteja.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O Mal Estar da Pós-Modernidade**. São Paulo: Ed.USP, 2007.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

FISKE, J. (1992) **The Cultural Economy of Fandom**, in: L. A. Lewis (ed.) *The Adoring Audience*, London: Routledge.

SANDVOSS, C. **Quando estrutura e agência se encontram: os fãs e o poder**.